



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

FELIPPE MENDES CARDOSO

**ANÁLISE DO PROCESSO DE DESINDUSTRIALIZAÇÃO DA EXPORTAÇÃO
BRASILEIRA ENTRE 2007 E 2022**

GOIÂNIA

2023

FELIPPE MENDES CARDOSO

**ANÁLISE DO PROCESSO DE DESINDUSTRIALIZAÇÃO DA EXPORTAÇÃO
BRASILEIRA ENTRE 2007 E 2022**

Trabalho de conclusão de curso para a obtenção do diploma de graduação no Curso de Ciências Econômicas, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Orientador: Ms. Ary José A. De S. Júnior

GOIÂNIA

2023

FELIPPE MENDES CARDOSO

**ANÁLISE DO PROCESSO DE DESINDUSTRIALIZAÇÃO DA EXPORTAÇÃO
BRASILEIRA ENTRE 2007 E 2022**

Trabalho de conclusão de curso para a
obtenção do diploma de graduação no
Curso de Ciências Econômicas, da
Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Goiânia, 15 de dezembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms Ary José A. De S. Júnior

Prof. Ms Carlos Leão

Prof. Ms Miguel Rosa Dos Santos

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu orientador, pela orientação valiosa, dedicação e paciência ao longo deste trabalho. Seus *feedbacks* foram fundamentais para o desenvolvimento deste projeto.

Expresso minha gratidão à minha família, em especial aos meus pais, pelo apoio incondicional, compreensão e estímulo durante toda a minha jornada acadêmica. Sem o amor e suporte de vocês, esta conquista não seria possível.

Aos amigos e colegas de curso, que compartilharam conhecimentos, experiências e momentos desafiadores, meu muito obrigado. A troca de ideias e o espírito colaborativo foram essenciais para o crescimento mútuo.

Agradeço também a todos os profissionais que contribuíram para esta pesquisa, seja tirando minhas dúvidas, e me fornecendo materiais importantes. Sua colaboração foi valiosa para a construção deste trabalho.

Por fim, dedico este trabalho à minha fonte de inspiração e motivação, Deus, cujo apoio e incentivo foram a luz que guiou meu caminho durante esta jornada acadêmica.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho, meu sincero agradecimento.

RESUMO

O presente estudo propõe uma análise do processo de desindustrialização nas exportações brasileiras no período compreendido entre os anos 2007 e 2022. A compreensão dos fatores que contribuíram para esse fenômeno torna-se fundamental para elucidar seus impactos e desdobramentos na estrutura industrial do país. A pesquisa se justifica diante da necessidade de examinar as transformações na matriz exportadora brasileira, especialmente no âmbito industrial, visando contribuir para a compreensão das dinâmicas econômicas e subsidiar possíveis estratégias de reindustrialização. A desindustrialização, marcada pela diminuição da participação do setor industrial na economia, é um fenômeno que tem suscitado debates e preocupações em diversos países. No contexto nacional, compreender o impacto desse processo é de suma importância, especialmente para um país historicamente caracterizado pela relevância do setor industrial. Diante disso, a presente pesquisa justifica-se pela necessidade de analisar a trajetória da exportação industrial ao longo dos últimos anos, identificando fatores determinantes, avaliando seus efeitos e fornecendo subsídios para a formulação de estratégias de fortalecimento da indústria. A metodologia adotada para alcançar os objetivos propostos envolveu uma abordagem analítica e descritiva, baseada na coleta e análise de dados econômicos relacionados às exportações brasileiras. Foram utilizadas fontes confiáveis, como dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e outras instituições pertinentes. A análise temporal foi realizada por meio de tabelas, gráficos e indicadores econômicos, permitindo uma visão abrangente das mudanças na estrutura exportadora. A pesquisa buscou também identificar possíveis correlações com eventos econômicos globais, políticas públicas e inovações no setor.

Palavras-chave: Desindustrialização, exportações, indústria.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Classificação das Exportações Brasileiras por Intensidade Tecnológica e Setores Econômicos.....	22
Quadro 2 – Principais Produtos Exportados pelo Brasil Segundo Mercados de Destino em 2020 (US\$ Bilhões – FOB).....	25
Quadro 3 - Evolução das exportações brasileiras de 2007 a 2022.....	35
Quadro 4 – Evolução do Índice de Vantagens Comparativas Reveladas das exportações brasileiras no período de 2010 a 2022.....	38

LISTA DE GRÁFICOS

Figura 1: Exportações por valor agregado de 2007 a 2022.....	21
Figura 2: Exportações brasileiras por intensidade tecnológica de 2007 a 2022.....	23

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 – COMÉRCIO INTERNACIONAL E O PROCESSO DE DESINDUSTRIALIZAÇÃO	11
1.1 Conceitos e Teorias de Comércio Internacional	11
1.1.1 Conceitos de Comércio Internacional	11
1.1.2 Teorias de Comércio Internacional	13
1.2 O Processo de Desindustrialização	14
1.3 Revisão de Literatura	15
CAPÍTULO 2 – EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO INTERNACIONAL DO BRASIL E NO MUNDO	21
2.1 Evoluções das Exportações Brasileiras Segundo Fator Agregado	21
2.2 Evolução das Exportações no Mundo	27
2.3 Exportações do Brasil	28
2.4 A Exportação Brasileira por Parceiros Comerciais ao Longo do Tempo	29
2.5 Análise Cronológica das Exportações Brasileiras	30
2.6 Impactos Econômicos Relevantes Entre 2007 e 2022	31
2.7 Fatores Internos e Externos, com Ênfase no Impacto Direto na Exportação Brasileira	32
2.8 Evolução da Taxa de Câmbio Comercial para com o Dólar (Método Direto)	33
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	34
3.1 Índice de Herfindahl-Hirschman	34
3.2 Índice de Variação do Comércio Real	36
3.3 Resultados e Discussão	38
CONCLUSÃO	41
REFERÊNCIAS	43

INTRODUÇÃO

A desindustrialização da exportação brasileira entre os anos de 2007 e 2022 emerge como um fenômeno complexo e multifacetado. Durante este período, o país testemunhou mudanças significativas nos padrões de comércio internacional, com o setor industrial experimentando uma transformação substancial (TORRES, 2015).

Ao delinear tais mudanças nos padrões de exportação, é imperativo analisar os setores industriais específicos que foram mais afetados. Pois estes resultados vão além das estatísticas comerciais, refletindo-se nas variáveis econômicas fundamentais. Questões relacionadas ao emprego, investimento e balança ganham destaque à medida que se investiga como a transformação do setor influenciou a dinâmica socioeconômica do país ao longo do tempo.

É importante salientar que Flutuações nas condições econômicas mundiais, acordos comerciais e eventos geopolíticos foram determinantes na reconfiguração do perfil exportador do país. Sendo assim, no cenário dinâmico e interconectado do comércio internacional, compreender as relações econômicas entre nações é essencial (CARNEIRO, 2014).

A intrincada rede de teorias, análises e conceitos nesse domínio não apenas delinea as bases do comércio global, mas também molda as estratégias e políticas econômicas de países como o Brasil. A globalização econômica, marcada pela interdependência entre as nações, destaca a importância de investigar fenômenos que moldam a dinâmica industrial e comercial de uma nação.

Diante desse contexto, surge a problemática central deste estudo: Como o processo de desindustrialização impactou a exportação brasileira no período de 2007 a 2022? A desindustrialização não é apenas um fenômeno estatístico; ela é um reflexo das transformações econômicas e industriais, influenciadas por fatores complexos e interligados. Compreender as nuances desse processo é fundamental para orientar políticas econômicas e estratégias comerciais que impulsionem o desenvolvimento sustentável do Brasil.

Partimos da hipótese de que as mudanças nas políticas comerciais, avanços tecnológicos e os desafios enfrentados pelos setores industriais desempenharam um papel fundamental na desindustrialização da exportação brasileira durante o período investigado. Além disso, a redução gradual da participação do setor industrial no cenário econômico do Brasil está intrinsecamente ligada a questões relacionadas às políticas econômicas adotadas, elasticidade renda da demanda por manufaturados e às características específicas do setor industrial. O objetivo geral deste trabalho é analisar o processo de desindustrialização da exportação

brasileira no período compreendido entre 2007 e 2022, identificando suas principais tendências, determinantes e impactos na economia nacional.

De tal modo os objetivos específicos tem como premissa: Investigar as mudanças nos padrões de exportação do Brasil ao longo do período em análise, destacando setores industriais afetados. Avaliar os fatores macroeconômicos, políticos e globais que contribuíram para a este fenômeno. Analisar as variáveis econômicas, tais como emprego, investimento e balança comercial e identificar estratégias e políticas públicas adotadas durante o período.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: o Capítulo 1 aborda o contexto teórico relacionado ao comércio internacional e ao processo de desindustrialização. A revisão de literatura explora conceitos fundamentais de comércio internacional, como vantagens comparativas segundo David Ricardo, o Modelo de Hecksher-Ohlin, a Teoria do Ciclo de Vida do Produto e a Teoria da Paridade do Poder de Compra. Além disso, são discutidos aspectos relacionados ao processo de desindustrialização, proporcionando uma base conceitual para a análise subsequente.

O Capítulo 2 apresenta uma análise detalhada da evolução do comércio internacional do Brasil e do mundo no período de 2007 a 2022. São exploradas as mudanças nas exportações brasileiras, destacando fatores agregados, evoluções globais e parceiros comerciais ao longo do tempo. Além disso, são examinados os impactos econômicos relevantes durante esse período, considerando tanto fatores internos quanto externos, com ênfase no impacto direto na exportação brasileira. A evolução da taxa de câmbio comercial em relação ao dólar também é analisada.

O Capítulo 3 abrange a metodologia utilizada na análise, com enfoque nos indicadores como o Índice de Herfindahl-Hirschman e o Índice de Variação do Comércio Real. A discussão dos resultados destaca as principais conclusões obtidas a partir da aplicação desses indicadores, proporcionando uma compreensão mais aprofundada sobre os padrões de comércio encontrados.

CAPÍTULO 1 – COMÉRCIO INTERNACIONAL E O PROCESSO DE DESINDUSTRIALIZAÇÃO

1.1 Conceitos e Teorias de Comércio Internacional

A compreensão dos conceitos e teorias de comércio internacional é de extrema importância, uma vez que constituem as bases teóricas que orientam o comércio entre nações. Neste ponto, o foco recairá sobre estas duas vertentes teóricas. “Essas teorias e conceitos desempenham um papel fundamental na promoção e regulamentação do comércio global, tornando crucial uma análise aprofundada” (KRUGMAN *et al.*, 2015).

Assim, o estudo desses grupos de princípios teóricos é essencial, pois fornece um quadro teórico que ajuda a explicar por que o comércio internacional ocorre e como ele pode ser benéfico para as nações envolvidas. Os princípios teóricos também influenciam as políticas econômicas dos países, orientando suas estratégias de comércio exterior, tarifas e políticas de mercado. Além disso, elas também ajudam a moldar a forma como as nações interagem no cenário internacional (MILANI, 2012).

Após sua compreensão, os estudiosos e formuladores de políticas econômicas podem analisar adequadamente o comércio e suas implicações. Isso inclui a compreensão das forças subjacentes que impulsionam as relações comerciais entre nações e regiões, bem como os benefícios que podem ser alcançados por meio de uma abordagem estratégica para o comércio como um todo (COUTINHO *et al.*, 2005).

Portanto, a seguir elas serão explanadas, reconhecendo a importância de dominar esses princípios, que visam proporcionar um conhecimento mais profundo sobre este viés que moldou o mundo das relações comerciais internacionais e a história econômica de várias gerações (OLIVEIRA e VAN NOIJE, 2019).

1.1.1 Conceitos de Comércio Internacional

Em sua essência, o comércio internacional permite que países adquiram produtos que não podem produzir de forma eficiente ou a baixo custo, enquanto oferecem seus próprios produtos no mercado global. Esse intercâmbio é fundamentado na especialização e na cooperação entre países para atender às necessidades de consumo e produção em escala global (CARVALHO & CARVALHO, 2011).

Um dos principais conceitos que permeia este comércio é a balança comercial, que representa a diferença entre o valor das exportações e importações de um país. Se as exportações superarem as importações, ocorre um superávit comercial; no caso contrário, um déficit. A balança comercial é de grande importância no cenário da economia, no entanto, atua como um indicador-chave da saúde econômica de um país e reflete seu desempenho na cena global (CARNEIRO, 2014).

Outro conceito central é o de protecionismo, que se refere às políticas e medidas adotadas por um país para restringir ou controlar as importações de bens estrangeiros. Essas políticas podem incluir a imposição de tarifas, cotas de importação e barreiras não tarifárias. O protecionismo é frequentemente usado para proteger setores industriais domésticos da concorrência estrangeira, mas também pode gerar tensões comerciais entre países (PRATES *et al.*, 2019).

Além disso, os acordos comerciais desempenham um papel significativo neste tipo de comércio. De certa forma eles são conhecidos como tratados ou pactos estabelecidos entre nações para regular o comércio de bens e serviços, muitas vezes envolvendo reduções de tarifas, eliminação de barreiras comerciais e a promoção da cooperação econômica. Exemplos notáveis incluem o Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (NAFTA) e a União Europeia (UE) (BRESSER-PEREIRA, 2012). Por exemplo:

NAFTA: O Tratado Norte-Americano de Livre Comércio foi um acordo de livre comércio assinado em 1992 entre os Estados Unidos, o Canadá e o México. Ele eliminou a maioria das barreiras tarifárias e não tarifárias ao comércio entre esses países, criando uma zona de livre comércio na América do Norte.

União Europeia (UE): A União Europeia é uma organização supranacional composta por 27 países europeus. Ela é um exemplo notável de integração econômica e política, com a criação de um mercado comum europeu, uma moeda única (o euro) e a eliminação de barreiras comerciais entre os países membros (BRESSER-PEREIRA, 2012, p. 7-28).

É importante salientar que essas ações têm resultado em uma integração econômica e política significativa, onde as decisões são tomadas em nível supranacional e afetam todos os países membros.

1.1.2 Teorias de Comércio Internacional

O comércio internacional é um campo complexo e várias teorias foram desenvolvidas ao longo do tempo para explicar por que os países participam de trocas comerciais e porque elas podem ser mutuamente benéficas. As teorias de comércio internacional fornecem uma base sólida para compreender as forças subjacentes ao comércio global e as estratégias adotadas pelos países (TORRES, 2015).

Uma das teorias mais influentes é a "Teoria das Vantagens Comparativas", formulada por David Ricardo no século XIX. Essa teoria postula que, mesmo que um país não seja o produtor mais eficiente de todos os bens, ele ainda deve se especializar na produção daqueles bens em que possui uma vantagem comparativa, ou seja, onde tem um custo de oportunidade mais baixo. Isso implica que os países podem se beneficiar mutuamente ao se concentrar na produção daquilo em que são relativamente mais eficientes (LINDER, 1961).

Outra teoria relevante é o "Modelo de Hecksher-Ohlin", que se baseia na abundância relativa de fatores de produção em um país. Essa teoria sugere que os países tendem a se especializar na produção de bens que usam intensivamente os fatores de produção que possuem em abundância. Por exemplo, um país com uma grande quantidade de mão de obra pode se especializar na produção de bens intensivos em trabalho (GALA, 2023).

De outra forma, a teoria de "Ciclo de Vida do Produto", proposta por VERNON (1966), argumenta que a vantagem comparativa de um país em relação à produção de um determinado bem muda ao longo do ciclo de vida desse produto. Inicialmente, um país pode ser o inovador na produção de um bem, mas, à medida que o produto amadurece, a produção pode ser transferida para outros lugares onde os custos de produção são menores. Isso explica as mudanças na estrutura do comércio internacional ao longo do tempo.

Além disso, a "Teoria da Paridade do Poder de Compra" (PPP) de CASSEL (1918) sugere que, a longo prazo, as taxas de câmbio entre as moedas de diferentes países devem se ajustar de modo que um determinado bem tenha o mesmo preço em todos os lugares. Essa teoria tem implicações significativas para o comércio internacional, pois pode influenciar as decisões de compra e venda de bens em diferentes moedas.

1.2 O Processo de Desindustrialização

A desindustrialização é um fenômeno econômico que tem despertado atenção em muitos países ao redor do mundo. Esse processo se refere à redução da participação do setor industrial na economia de um país, em termos de produção, emprego e contribuição para o produto interno bruto (PIB). Compreender o processo de desindustrialização é essencial para analisar seu impacto nas economias nacionais e nas estratégias de desenvolvimento (GALA, 2023).

Esse processo pode ser visto como um fenômeno natural à medida que os países aumentam consistentemente sua renda per capita. Isso ocorre porque a elasticidade renda da demanda por produtos industrializados tende a diminuir à medida que a renda aumenta. Em outras palavras, à medida que as pessoas ficam mais ricas, a parcela da renda que gastam em bens manufaturados tende a diminuir em relação a outros tipos de produtos e serviços (ROWTHORN e RAMASWAMY, 1997).

Além disso, ela está muitas vezes associada ao aumento da produtividade no setor industrial. Quando a produtividade industrial cresce rapidamente, os preços relativos dos produtos manufaturados tendem a cair, o que leva a uma redução na participação do setor industrial no valor agregado da economia e no emprego total (SOARES e TEIXEIRA, 2010).

Por outro lado, ROWTHORN e RAMASWAMY (1997) encontraram uma relação entre o crescimento econômico e o investimento para explicar a desindustrialização. Segundo eles, à medida que um país se desenvolve e seu padrão de vida melhora, as pessoas tendem a gastar mais em serviços do que em produtos manufaturados. Isso leva a uma diminuição na participação da indústria na economia.

Segundo TREGENNA (2009), também destaca quatro características fundamentais do setor industrial que contribuem para o processo de desindustrialização. Estas incluem a presença de retornos crescentes de escala na indústria, os efeitos de encadeamento, receptor e difusor do progresso tecnológico, e a maior elasticidade-renda das importações. Esses fatores podem tornar a indústria vulnerável à concorrência estrangeira e influenciar o declínio de sua participação na economia.

No caso brasileiro, diversos fatores têm contribuído para o processo de desindustrialização. Estes incluem uma ampla abertura comercial, taxas de juros elevadas, apreciação da moeda local, escassez de investimentos em infraestrutura econômica e social, educação, treinamento e pesquisa e desenvolvimento insuficientes. Além disso, a reforma tributária também tem sido destacada como um fator que pode reduzir a carga tributária sobre

as empresas e famílias, aliviando um dos fatores que contribuem para a desindustrialização (CARVALHO, 2011).

1.3 Revisão de Literatura

Neste tópico, serão destacadas as principais obras que abordam a problemática central desta monografia: a desindustrialização.

Segundo GALA (2022) o processo de reprimarização na pauta exportadora brasileira durante o período de 2011 a 2020. Sua metodologia fundamentou-se na análise quantitativa e qualitativa dos dados da pauta de exportação do Brasil, considerando fatores agregados, intensidade tecnológica e principais mercados de destino. Para aferir tais mudanças, foram aplicados os cálculos do Índice de Herfindahl-Hirschman (IHH) e do Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR) ao longo do período analisado. Os resultados obtidos apontam para a existência de um incipiente processo de reprimarização na pauta de exportações do Brasil, influenciado, principalmente, pelo aumento das exportações de commodities, pelas políticas agrícolas adotadas no país e pelo crescente interesse chinês em produtos primários, evidenciado pelo elevado Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR) (GALA, 2022).

Em outro estudo, MACEDO (2015), buscou analisar a desindustrialização na indústria de transformação por meio de uma abordagem que considerou seus aspectos históricos, teóricos, metodológicos e conjunturais. Segundo o autor, essa discussão teve início a partir dos anos 1980 e baseou-se em pesquisas documentais e bibliográficas, incluindo autores e órgãos especializados, com o objetivo de conceituar o tema proposto e fundamentá-lo à luz da teoria econômica. Os resultados dessa investigação indicam de forma conclusiva a ocorrência de desindustrialização na economia brasileira.

Outro autor de destaque é VERÍSSIMO (2010), que em sua pesquisa fez uma investigação empírica da hipótese da "doença holandesa" (*dutch disease*) e das evidências que pudessem corroborar uma relação entre a especialização em commodities nas exportações e a apreciação da taxa de câmbio real no Brasil durante o período de 1995 a 2009.

Para que haja entendimento, o termo "doença holandesa", como definido por REIS (2023), refere-se a um fenômeno econômico em que a descoberta e exploração de recursos naturais escassos em um país ou região leva a uma apreciação da taxa real de câmbio. Isso, por sua vez, desestimula o setor industrial da economia. O autor ainda salienta que em essência,

quando um país descobre recursos naturais valiosos, como petróleo, gás, minerais ou outros, o aumento das receitas provenientes da exportação desses recursos leva a uma valorização de sua moeda nacional. Isso torna os produtos industriais do país mais caros em termos de moeda estrangeira, o que pode torná-los menos competitivos no mercado internacional. Como resultado, o setor industrial pode sofrer, uma vez que a apreciação da taxa de câmbio dificulta a exportação de bens industriais.

Nessa linha, MILANI (2012), estudou a mudança estrutural na indústria a partir da década de 1990 e suas consequências na inserção internacional da economia brasileira no período de 2003-2010. A partir de uma contextualização do período de estudo, apresenta-se a evolução do debate sobre desindustrialização, tentando analisar o comportamento dos setores industriais, com base na pauta exportadora e nas possíveis causas da especialização. As inferências decorrentes dessa análise apontam para a dependência da economia brasileira dos fatores externos, sendo particularmente influenciada pelo contexto internacional, no qual se destaca a crescente demanda chinesa por matérias-primas e produtos de alta intensidade de recursos naturais. Essa demanda foi de tal modo, que puxou o crescimento do Brasil, enquanto as exportações de bens manufaturados tiveram uma queda de participação no total de exportações (MILANI, 2012).

De modo similar, PIRES *et al.* (2021), examinaram os efeitos e as causas da desindustrialização no Brasil, com um foco específico nas exportações, abrangendo o período de 1990 a 2020. Através de uma pesquisa de natureza exploratória com ênfase na explicação dos fenômenos, o artigo abordou tanto a definição da desindustrialização e suas implicações, quanto as políticas industriais implementadas e o impacto do cenário internacional no processo de reprimarização do país. Essa análise se baseou em pesquisas conduzidas junto ao Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e à Secretaria de Comércio Exterior (SECEX). Esse trabalho foi dividido em três etapas de análise: i) a evolução da indústria nacional; ii) o contexto internacional que envolveu o Brasil; iii) e as políticas industriais e de abertura comercial adotadas durante o período que antecedeu a desindustrialização. Dessa forma, essas etapas foram capazes de evidenciar um processo substancial de desindustrialização nas exportações brasileiras (PIRES *et al.*, 2021).

Sob a mesma ótica, ALMEIDA (2010) contribuiu com seu estudo ao analisar a balança comercial brasileira no período entre 1999 e 2008. No contexto de uma tendência de aumento das exportações de bens primários, surgiu a preocupação de que o Brasil pudesse estar

enfrentando os efeitos prejudiciais da chamada "doença holandesa". Para investigar essa questão, o estudo empregou uma metodologia que envolveu a análise dos dados relacionados ao comércio exterior. Essa pesquisa buscou compreender como a balança comercial se comportou após a desvalorização do real em janeiro de 1999, até o final de 2008, quando a crise financeira global abalou a economia mundial. Os resultados revelaram que o comércio exterior brasileiro experimentou um significativo aumento em seu volume a partir de 1999. Esses superávits comerciais desempenharam um papel fundamental na estabilização econômica do país nos últimos anos, pois garantiram um fluxo substancial de dólares, reduzindo a necessidade de investimentos estrangeiros diretos ou endividamento para equilibrar a balança de pagamentos (CICONET, 2017).

No que diz respeito à desindustrialização, a pesquisa de ALMEIDA (2010), apontou para a preocupação de que a redução da participação da indústria no Brasil estivesse relacionada ao processo de reprimarização da produção e da pauta de exportações. Em vez de avançar na direção de uma economia baseada na produção de bens de maior valor agregado, o Brasil parecia estar retrocedendo, priorizando a produção de bens primários, como produtos agrícolas e minerais. Essas conclusões alertam para a importância de compreender e abordar os desafios relacionados à estrutura da economia brasileira (ALMEIDA, 2010).

Por outro lado, no trabalho de REZENDE *et al.*, (2017), o objetivo central foi estudar empiricamente o processo de desindustrialização e reprimarização da economia brasileira durante o período de 1996 a 2013. A metodologia empregada consistiu em uma análise descritiva dos dados, juntamente com a aplicação do índice de Grubel e Lloyd para avaliar se a inserção do Brasil no mercado internacional se deu por meio da especialização produtiva ou da diversificação da produção. Segundo os autores, as principais conclusões apontaram para um processo de reprimarização na pauta das exportações brasileiras, uma vez que os produtos primários passaram a ter uma maior participação nas vendas externas, enquanto os bens de alto valor agregado se tornaram mais presentes nas importações. No que se refere ao processo de desindustrialização, observou-se uma redução na participação do valor adicionado dos produtos sofisticados no Produto Interno Bruto, ao passo que houve um aumento na participação de produtos básicos na economia brasileira. Essas análises fornecem *insights* cruciais sobre a dinâmica da economia nacional (REZENDE *et al.*, 2017).

Similarmente, o estudo realizado por TORRES (2015), teve como objetivo central a busca por evidências de um possível processo de desindustrialização negativa nos estados brasileiros, no período de análise abrangeu os anos de 1996 a 2014, investigando se tal processo

estava relacionado à condução das políticas econômicas, ao contexto cambial e aos preços favoráveis aos produtos primários (a chamada "doença holandesa"). No âmbito metodológico, o estudo empregou a estimativa de modelos de dados em painel, com foco na avaliação dos fatores determinantes desse processo. Foram consideradas variáveis dependentes, tais como a participação do Valor Adicionado Bruto (VAB) da indústria de transformação no Produto Interno Bruto (PIB) estadual e a participação do emprego na indústria de transformação no emprego total estadual (GALA, 2022).

Os resultados econométricos desse estudo apontaram, de maneira geral, uma relação direta entre a taxa de câmbio real efetiva (Y) e o grau de abertura de produtos manufaturados (X_1) e as variáveis industriais dos estados (X_2). Essas relações também se destacaram pela significância estatística. Além disso, observou-se uma relação negativa e significativa entre o índice de preço das commodities e a taxa de juros com as variáveis industriais. Portanto, essas conclusões fornecem *insights* importantes sobre os fatores que impactam o processo de desindustrialização nos estados brasileiros (TORRES, 2015).

Seguindo uma abordagem diferente, MACIEL E JULIANI (2022), realizaram um estudo com o objetivo geral de identificar as variáveis macroeconômicas que indicam o comportamento do processo de desindustrialização, e a partir disso, analisaram se o Brasil apresenta as características desse fenômeno no período de 2000 a 2018. O método utilizado na pesquisa foi o levantamento de dados e a técnica empregada envolveu a análise de dados secundários, coletados a partir de fontes como o Banco Central do Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e o Ministério do Trabalho e Emprego (MACIEL & JULIANI, 2022). Os resultados da pesquisa indicam uma redução significativa no Produto Interno Bruto (PIB), principalmente devido a uma acentuada queda no setor da indústria de transformação causando uma queda no setor de exportação. Por fim, essas conclusões fornecem sugestões importantes para compreendermos sobre a dinâmica da desindustrialização no Brasil (MACIEL & JULIANI, 2022).

De acordo com NUNES et al., (2022), seu estudo se concentrou na análise da indústria de quatro países latino-americanos: Brasil, Argentina, México e Chile; no período de 2000 a 2014. A metodologia adotada na pesquisa consistiu em uma análise empírica que examinou o comportamento de três principais indicadores: a participação relativa do valor adicionado da indústria no Produto Interno Bruto (PIB), a relação entre o emprego na indústria e o emprego total, e o desempenho da balança comercial (GALA, 2022). Os resultados da análise indicaram que as variações negativas, embora não contínuas, na participação relativa do valor adicionado

da indústria no PIB foram o primeiro indício da ocorrência do processo de desindustrialização. Esses indicadores revelaram que, assim como na fase inicial da industrialização, a desindustrialização está ocorrendo de forma heterogênea entre os países selecionados (GALA, 2022). Além disso, o comportamento da balança comercial de manufaturados forneceu evidências que corroboraram as conclusões obtidas com base nos indicadores anteriores. Assim, pesquisa de GALA (2022), contribuiu para uma compreensão mais profunda da dinâmica da desindustrialização nos países latino-americanos.

Conforme TORRES (2015), a análise da presença ou ausência de um processo de desindustrialização no Brasil tem sido objeto de discussão desde o início dos anos 1990. O estudo concentrou-se na avaliação do desempenho da indústria de transformação e dos serviços, divididos em segmentos tradicionais e modernos, com foco nas variáveis de emprego e valor adicionado durante o período de 2002 a 2014. A metodologia adotada na análise permitiu identificar dois pontos cruciais. Em primeiro lugar, a observação de dois períodos distintos: um inicial no qual não foram detectados indícios de desindustrialização e um subsequente no qual os sintomas desse processo se tornaram mais evidentes. Em segundo lugar, a pesquisa também buscou examinar a ocorrência do processo de servitização nesses dados, desenvolvendo mais e melhores serviços com o intuito de satisfazer as necessidades dos clientes, obtendo vantagens competitivas e melhorando seu desempenho. Especificamente, observou-se um aumento significativo da participação dos serviços modernos no emprego e no valor adicionado, sobretudo durante o primeiro período da análise (TORRES, 2015). Dessa forma, o autor contribuiu para uma compreensão mais aprofundada do cenário da desindustrialização e da dinâmica da transição entre indústria e serviços no contexto brasileiro.

Por fim, SAMPAIO (2019), analisou a hipótese de desindustrialização absoluta no Brasil, especialmente a partir da segunda década do século XXI, quando o país entrou no ciclo de desaceleração econômica, seguido pela crise financeira. Para atingir tais objetivos, a metodologia adotada envolveu a organização da trajetória da economia brasileira em ciclos específicos, a saber: início de reversão (1999-2002), recuperação do crescimento (2003-2006), aceleração do crescimento (2007-2010), desaceleração (2011-2014) e crise econômica (2015-2017). Os dados utilizados compreenderam informações relacionadas ao Produto Interno Bruto (PIB), produção industrial, contas externas e emprego (SAMPAIO, 2019).

Os resultados obtidos indicaram que o Brasil está caminhando em direção à desindustrialização absoluta desde o ciclo de desaceleração, iniciado em 2011. Isso se deve à constatação de uma queda na produção industrial e à falta de dinamismo no crescimento do

PIB. Assim, setores específicos, como bens de capital e bens de consumo duráveis, foram particularmente afetados, experimentando reduções no PIB, significativas em resposta à profunda recessão econômica que assolou o país, afetando acentuadamente a exportação brasileira (SAMPAIO, 2019).

CAPÍTULO 2 – EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO INTERNACIONAL DO BRASIL E NO MUNDO

2.1 Evoluções das Exportações Brasileiras Segundo Fator Agregado

A trajetória das exportações brasileiras ao longo do tempo é um tema variado que pode ser examinado sob diferentes fatores agregados, destacando-se particularmente a diversificação dos produtos exportados e a busca por novos mercados.

Figura 1: Exportações por valor agregado de 2007 a 2022



Fonte: SECEX (2022) / Elaboração própria.

As exportações brasileiras, ao longo dos anos de 2007 a 2022, evidenciam uma dinâmica interessante nos diferentes segmentos de produtos, nomeadamente nos manufaturados, semimanufaturados e básicos.

Produtos Manufaturados: Os produtos manufaturados mostraram uma tendência de crescimento constante, passando de 4,3 em 2007 para atingir seu pico em 2022, marcando 4,6. Esse aumento sugere uma maior demanda e competitividade dos produtos brasileiros com maior valor agregado nos mercados internacionais.

Produtos Semimanufaturados: Os produtos semimanufaturados apresentaram flutuações ao longo dos anos, alcançando seu ponto mais alto em 2014 com 4,1, seguido por

uma queda em 2019 para 2. No entanto, a categoria se recuperou em 2021, atingindo 4,2. Essas oscilações podem refletir mudanças na demanda global por produtos semimanufaturados.

Produtos Básicos: Os produtos básicos, que incluem commodities como alimentos e matérias-primas, demonstraram uma notável estabilidade, variando entre 2 e 6 ao longo do período. Em 2013, houve um pico atingindo 8, indicando um aumento significativo nas exportações desse segmento naquele ano.

Em resumo, a análise desses números sugere uma diversificação nas exportações brasileiras, com um foco crescente em produtos manufaturados, uma resiliência notável nos produtos básicos e uma certa volatilidade nos produtos semimanufaturados. Essas tendências podem ser influenciadas por fatores econômicos globais, mudanças na demanda do mercado e políticas comerciais adotadas pelo Brasil.

Por outro lado, o Quadro 1 apresenta uma classificação das exportações brasileiras com base na intensidade tecnológica e nos setores econômicos associados. Essa categorização é fundamental para compreender a diversidade da pauta exportadora do Brasil, evidenciando a variedade de produtos e sua complexidade tecnológica. Abaixo, uma explicação detalhada de cada categoria:

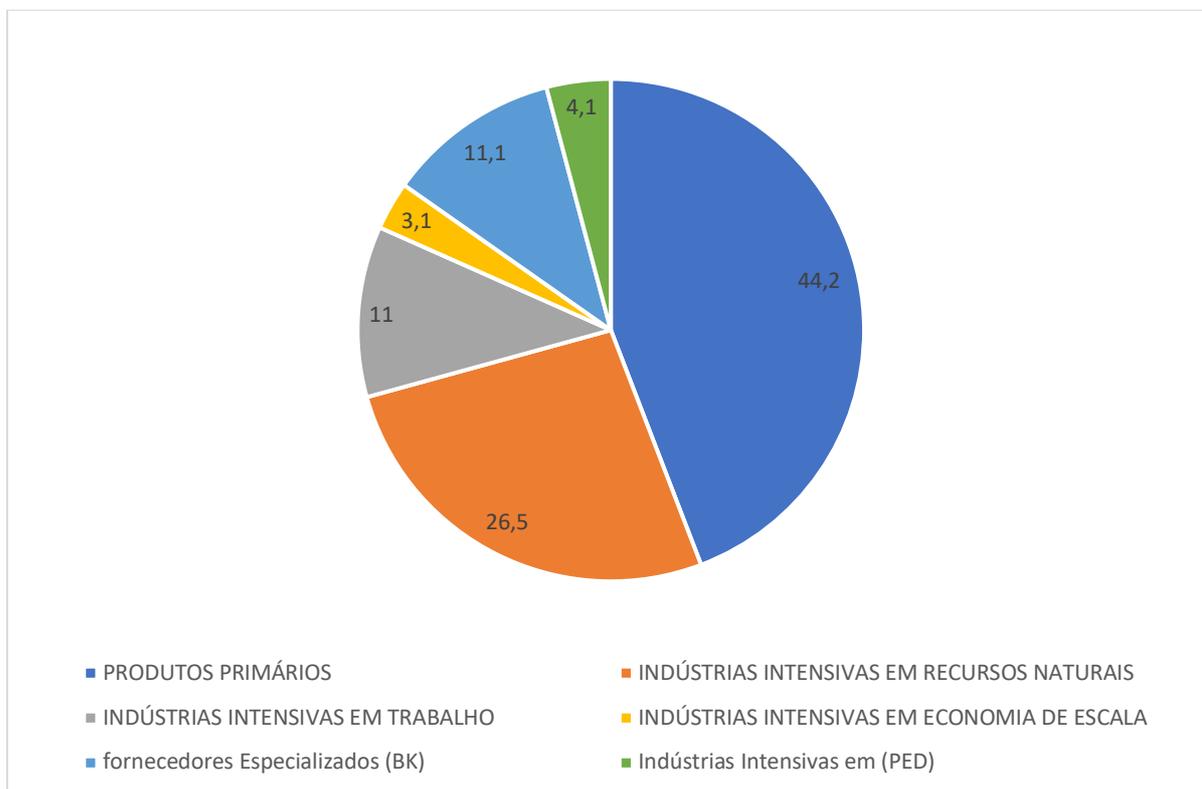
Quadro 1 – Classificação das Exportações Brasileiras por Intensidade Tecnológica e Setores Econômicos

Intensidade Tecnológica	Setores Econômicos
Produtos Primários	Produtos agrícolas, minerais, energia
Indústrias Intensivas em Recursos Naturais	Alimentos processados, indústria extrativa
Indústrias Intensivas em Trabalho	Têxteis, calçados, produtos básicos de metais
Indústrias Intensivas em Economias de Escala	Automóveis, produtos siderúrgicos, eletrônicos de consumo
Fornecedores Especializados (BK)	Bens de capital, equipamentos de engenharia
Indústrias Intensivas em P&D	Produtos farmacêuticos, componentes eletrônicos, indústria aeroespacial

Fonte: Holland e Xavier (2023).

Já o Gráfico 2 apresenta uma distribuição percentual das exportações brasileiras por intensidade tecnológica, revelando insights importantes sobre a estrutura da pauta exportadora do país. Abaixo, uma análise detalhada de cada categoria:

Figura 2: Exportações brasileiras por intensidade tecnológica de 2007 a 2023



Fonte: IBGE (2023) / Elaboração própria.

Os dados da Figura 2 revelaram que: os Produtos Primários (44,2%) representaram a maior fatia das exportações, abrangendo produtos agrícolas, minerais e energéticos. A expressiva participação destes produtos destaca a relevância contínua das commodities na matriz exportadora brasileira.

Por outro lado, as Indústrias Intensivas em Recursos Naturais somaram 26,5%: Com mais de um quarto das exportações, este grupo envolve produtos da indústria extrativa, indicando a importância da transformação de recursos naturais em produtos com maior valor agregado.

Já as Indústrias Intensivas em Trabalho com 11% foram compostas por setores que demandam considerável mão de obra, como têxteis e calçados, destaca-se na diversificação da força de trabalho e na produção de bens intensivos em trabalho.

As Indústrias Intensivas em Economias de Escala com 3,1% tiveram uma parcela menor, este grupo, incluindo setores automotivos e siderúrgicos, indica uma presença significativa de indústrias que se beneficiam de economias de escala na produção.

Os Fornecedores Especializados (BK) detiveram 11,1%: Essa categoria, representando bens de capital e equipamentos de engenharia, mostra a importância desses produtos especializados nas exportações brasileiras, essenciais para processos industriais e construção.

Por fim, as Indústrias Intensivas em P&D tiveram 4,1%: Este grupo, envolvendo setores como produtos farmacêuticos e componentes eletrônicos, destaca a presença de indústrias voltadas para pesquisa e desenvolvimento.

De modo geral a Figura 2 proporciona uma visão clara da diversidade da pauta exportadora do Brasil dentro do período supracitado, destacando a coexistência de setores intensivos em mão de obra, tecnologia e recursos naturais. Essa análise é crucial para compreender a dinâmica e a resiliência da economia brasileira no comércio internacional.

Quadro 2 – Principais Produtos Exportados pelo Brasil Segundo Mercados de Destino em 2022 (US\$ Bilhões – FOB)

Mercado de Destino	Fator Agregado	Código ISIC	Descrição ISIC	Valor (US\$ Bilhões)
China	Básico	0111	Cultivo de cereais (exceto arroz), leguminosas e oleaginosas	20.91
China	Básico	0710	Extração de minério de ferro	18.51
China	Básico	0610	Extração de petróleo bruto	11.35
China	Básico	1010	Processamento e conservação de carne	6.57
China	Semimanufaturado	1701	Fabricação de polpa, papel e cartão	2.95
Estados Unidos	Semimanufaturado	2410	Fabricação de ferro e aço básicos	2.70
Estados Unidos	Manufaturado	3030	Fabricação de aviões e máquinas relacionadas	2.16
Estados Unidos	Básico	0610	Extração de petróleo bruto	1.36
Estados Unidos	Semimanufaturado	1701	Fabricação de polpa, papel e cartão	1.03
Estados Unidos	Manufaturado	2011	Fabricação de produtos químicos básicos	0.99
Argentina	Manufaturado	2910	Fabricação de veículos automotores	2.27
Argentina	Manufaturado	2930	Fabricação de peças e acessórios para veículos automotores	0.68
Argentina	Semimanufaturado	2420	Fabricação de metais preciosos e outros metais não ferrosos	0.39
Argentina	Semimanufaturado	1701	Fabricação de polpa, papel e cartão	0.36
Argentina	Manufaturado	2013	Fabricação de plásticos e borracha sintética em formas primárias	0.34

Fonte: Comex Stat (2022).

A tabela acima apresenta os principais produtos exportados pelo Brasil para alguns dos seus principais parceiros comerciais em 2020, destacando-se os valores expressos no momento da exportação (FOB).

Mercado Chinês: A China, um dos principais destinos das exportações brasileiras, mostra uma diversidade de produtos, com destaque para o cultivo de cereais, leguminosas e oleaginosas (US\$ 20.91 Bilhões), extração de minério de ferro (US\$ 18.51 Bilhões) e

processamento e conservação de carne (US\$ 6.57 Bilhões). Esses setores refletem a forte presença brasileira no mercado chinês, especialmente nas áreas agrícola e mineral.

Mercado Norte-Americano: Os Estados Unidos, outro parceiro estratégico, importam principalmente produtos manufaturados e semimanufaturados do Brasil. Fabricação de ferro e aço básicos (US\$ 2.70 Bilhões), fabricação de aviões e máquinas relacionadas (US\$ 2.16 Bilhões) e extração de petróleo bruto (US\$ 1.36 Bilhões) são os destaques. Esses números indicam a relevância dos setores industrial e mineral nas exportações para os EUA.

Mercado Argentino: A Argentina recebe do Brasil uma variedade de produtos manufaturados, como veículos automotores (US\$ 2.27 Bilhões) e suas partes e acessórios (US\$ 0.68 Bilhões). Além disso, há uma presença significativa no mercado argentino de produtos semimanufaturados, como a fabricação de metais preciosos e outros metais não ferrosos (US\$ 0.39 Bilhões). Esses dados refletem a diversificação das exportações brasileiras para o mercado argentino.

Em resumo, a análise desses dados revela a importância de entender as demandas específicas de cada mercado e como o Brasil tem adaptado sua pauta de exportação para atender a diferentes setores e necessidades em economias globais-chave. Essa diversificação é crucial para fortalecer a posição do Brasil no cenário internacional, promovendo a estabilidade e a resiliência do comércio exterior do país.

No que tange à diversificação de produtos, nota-se uma tendência positiva nas exportações do Brasil, historicamente concentradas em commodities como grãos, minérios e produtos agropecuários. Nos últimos anos, o país tem adotado uma abordagem proativa para ampliar sua pauta de exportações, incorporando produtos de maior valor agregado, incluindo manufaturados e bens industrializados. Essa estratégia visa não apenas mitigar a vulnerabilidade às flutuações nos preços das commodities no mercado internacional, mas também fortalecer a competitividade da indústria nacional (IPEA, 2023).

A expansão para novos mercados é uma dimensão crucial na evolução das exportações brasileiras. Ainda que o Brasil mantenha laços comerciais robustos com parceiros tradicionais como China, Estados Unidos e países da União Europeia, a diversificação de destinos tem sido uma estratégia para reduzir a dependência de mercados específicos. A abertura para novas regiões e países emergentes oferece oportunidades para expandir as vendas externas e consolidar a presença global do Brasil (BARRAL, 2006).

É imperativo reconhecer que o contexto internacional, caracterizado por eventos como crises econômicas, disputas comerciais e pandemias, exerce influência direta sobre a evolução

das exportações brasileiras. Oscilações nas condições econômicas e políticas globais podem impactar a demanda por produtos brasileiros, moldando a dinâmica do comércio exterior do país (PORTAL DA INDÚSTRIA, 2023).

2.2 Evolução das Exportações no Mundo

A evolução das exportações no mundo é um fenômeno dinâmico que reflete as transformações globais nas últimas décadas. Este processo é marcado por uma série de fatores que vão desde avanços tecnológicos até mudanças nas dinâmicas econômicas e políticas. Ao examinar a evolução das exportações em escala global, destacam-se alguns elementos-chave. Um dos pontos mais notáveis é a globalização, que impulsionou significativamente o comércio internacional. As fronteiras tornaram-se mais permeáveis, permitindo uma interconexão cada vez maior entre as economias. Essa globalização econômica trouxe consigo um aumento substancial nas exportações, impulsionado pela busca por mercados consumidores mais amplos e eficiência na produção (ANSI, 2023).

A revolução tecnológica desempenhou um papel importante nesse cenário. O advento da internet e das tecnologias de comunicação permitiu uma integração mais estreita das cadeias de suprimentos globais, facilitando o comércio transfronteiriço. Plataformas digitais e avanços na logística internacional contribuíram para uma maior eficiência nas operações comerciais, impulsionando as exportações (APEX-BRASIL, 2023).

Além disso, acordos comerciais regionais e tratados bilaterais têm desempenhado um papel significativo na evolução das exportações no mundo. Esses acordos buscam reduzir barreiras comerciais, facilitar o fluxo de mercadorias e promover uma cooperação mais estreita entre os países. O crescimento de blocos econômicos, como a União Europeia e o Mercosul, exemplifica essa tendência de integração regional para impulsionar as exportações (PORTAL DA INDÚSTRIA, 2021).

No entanto, a evolução das exportações globais não está isenta de desafios. Tensões comerciais entre grandes potências, crises econômicas e eventos imprevisíveis, como a pandemia de COVID-19, têm impactado as cadeias de suprimentos e gerado incertezas nos mercados internacionais. (BRASIL, 2023).

Em síntese, a evolução destas importações é impulsionada pela globalização, avanços tecnológicos e acordos comerciais. Enquanto as oportunidades para expandir o comércio internacional continuam a crescer, é essencial enfrentar os desafios emergentes para garantir

uma evolução sustentável e equitativa do comércio global. Este cenário complexo destaca a necessidade de uma abordagem colaborativa entre as nações para promover um sistema de comércio internacional robusto e resiliente (AMCHAM, 2023).

2.3 Exportações do Brasil

A análise da evolução das exportações brasileiras revela uma narrativa complexa e dinâmica, marcada por mudanças significativas na composição dos produtos, adaptações estratégicas diante do cenário global e a busca incessante por novos mercados (BRASIL, 2023).

Ao longo desses anos, o Brasil testemunhou uma transição na composição de suas exportações. Historicamente concentradas em commodities como grãos, minérios e produtos agropecuários, as exportações brasileiras têm experimentado uma gradual diversificação. Essa mudança estratégica buscou não apenas mitigar a vulnerabilidade às flutuações nos preços das commodities no mercado, mas também fortalecer a competitividade da indústria nacional (IPEA, 2017).

Diferentemente do período anterior, o Brasil adotou uma abordagem proativa para ampliar sua pauta de exportações, incorporando produtos de maior valor agregado, incluindo manufaturados e bens industrializados. Essa estratégia reflete a busca por nichos de mercado que não apenas proporcionem maior estabilidade às receitas de exportação, mas também promovam o avanço tecnológico e a inovação na produção (APEX-BRASIL, 2017).

Além dessa diversificação, a expansão para novos mercados emerge como uma estratégia importante nesta evolução dentro do âmbito nacional. Apesar de manter laços comerciais sólidos com parceiros tradicionais, como China, Estados Unidos e países da União Europeia, o Brasil tem buscado reduzir sua dependência de mercados específicos. A abertura para novas regiões e países emergentes visa não apenas expandir as vendas externas, mas também consolidar a presença global do Brasil (AMCHAM, 2022).

Não obstante, é indispensável reconhecer que esta progressão está vinculada a um contexto mais amplo. Eventos como crises econômicas, disputas comerciais e pandemias exercem influência direta sobre as exportações do país. Oscilações nas condições econômicas e políticas globais podem impactar a demanda por produtos brasileiros, moldando a dinâmica do comércio exterior (ANSI, 2022).

A análise desta evolução não apenas destaca os desafios enfrentados, mas também identifica oportunidades. Seja na superação de barreiras comerciais, na exploração de mercados

emergentes ou na adaptação a demandas globais em constante transformação, a evolução das exportações é um reflexo da capacidade do Brasil em se posicionar de maneira competitiva no comércio internacional (MACIEL; JULIANI, 2022).

Por fim, compreender a evolução das exportações é essencial para avaliar seu impacto na economia nacional. O papel das exportações como impulsionadoras do crescimento econômico, geradoras de empregos e contribuintes para o desenvolvimento sustentável é central nessa análise. A capacidade de adaptação às mudanças no cenário global e a implementação de políticas comerciais eficazes são elementos-chave para o sucesso contínuo do Brasil no âmbito do comércio internacional (TORRES; CAVALIERI, 2015).

2.4 A Exportação Brasileira por Parceiros Comerciais ao Longo do Tempo

Destacar a evolução das exportações brasileiras por parceiros comerciais revela um panorama dinâmico e estratégico no cenário internacional. Ao analisar essa trajetória, é possível identificar padrões, mudanças e oportunidades que moldaram a posição do Brasil no comércio global. No decorrer das décadas, a China emergiu como um protagonista crucial nas exportações brasileiras. A demanda crescente por commodities, como soja, minério de ferro e carne, impulsionou as relações comerciais entre os dois países. A parceria estratégica Brasil-China não apenas diversificou os destinos das exportações brasileiras, mas também proporcionou um incremento significativo nas transações comerciais, consolidando a China como um dos principais parceiros comerciais do Brasil (AMCHAM, 2023).

Os Estados Unidos, historicamente uma potência econômica global, mantiveram uma presença relevante nas exportações brasileiras. A relação bilateral abrange uma variedade de setores, desde produtos agrícolas até bens manufaturados. A diversificação dos produtos exportados para os EUA destaca a adaptação do Brasil às demandas desse mercado e a busca por ampliar a participação em segmentos de maior valor agregado (ANSI, 2023).

No contexto regional, os países que compõem o Mercosul desempenham um papel fundamental nas exportações brasileiras. A integração econômica e a cooperação comercial entre Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai contribuíram para fortalecer as relações intrabloco. Ao longo do tempo, a consolidação do Mercosul como um espaço de comércio e cooperação foi refletida no aumento das exportações entre os membros (BRASIL, 2023).

Contudo, esta dinâmica não está isenta de desafios. Tensões comerciais, mudanças nas políticas internacionais e crises econômicas podem impactar significativamente essas relações.

A diversificação contínua dos parceiros comerciais e a adaptação a novas demandas são elementos cruciais para manter a resiliência e a competitividade das exportações brasileiras ao longo do tempo (APEX-BRASIL, 2023).

2.5 Análise Cronológica das Exportações Brasileiras

Cronologicamente, esta trajetória de Ascensão delinea uma narrativa fascinante, marcada por diversos estágios e transformações ao longo do tempo. Desde os primórdios, o Brasil tem se envolvido ativamente no comércio internacional, e esse percurso revela aspectos importantes da sua evolução econômica. No período inicial, durante a colonização, as exportações brasileiras estavam fortemente ligadas a produtos como açúcar, tabaco e pau-brasil, que eram enviados para a Europa. Essa fase inicial foi marcada pela exploração intensiva dos recursos naturais, com o país desempenhando um papel de fornecedor de matérias-primas (BRASIL, 2023).

Ao longo do século XIX, com a ascensão da cafeicultura, o café tornou-se o principal produto de exportação brasileiro. Essa commodity desempenhou um papel central na economia do país, impulsionando o desenvolvimento de infraestruturas, como estradas de ferro, e consolidando o Brasil como um dos maiores produtores globais de café (APEX-BRASIL, 2023)

No século XX, especialmente a partir da metade do século, observou-se uma diversificação significativa nas exportações brasileiras. O país começou a expandir sua presença em setores como a indústria automotiva, aeronáutica e produtos manufaturados. Essa mudança refletiu esforços para agregar maior valor aos produtos exportados e reduzir a dependência de commodities agrícolas (AMCHAM, 2023).

Nos anos recentes, a globalização e a integração econômica moldaram as exportações brasileiras. A diversificação continua, com o Brasil ampliando seus mercados e buscando novas oportunidades. Setores como a agricultura, mineração e a indústria têm desempenhado papéis cruciais nesse contexto, com um enfoque crescente em produtos de maior valor agregado (ANSI, 2023)

Contudo, ao longo dessa jornada, desafios também surgiram. Flutuações nos preços das commodities, mudanças nas demandas globais e eventos econômicos globais impactaram as exportações brasileiras em diferentes momentos (PORTAL DA INDÚSTRIA, 2023).

Em síntese, a análise cronológica das exportações brasileiras revela um percurso complexo e dinâmico, desde os primeiros anos coloniais até a era contemporânea. Essa

trajetória reflete não apenas mudanças nos produtos exportados, mas também transformações profundas na estrutura econômica do Brasil em resposta às demandas globais em constante evolução (ABRACOMEX, 2023).

2.6 Impactos Econômicos Relevantes Entre 2007 e 2022

Entre 2007 e 2022, o Brasil enfrentou uma série de desafios e experimentou diferentes cenários econômicos que tiveram impactos significativos em sua dinâmica exportadora. Durante esse período, a economia global testemunhou a crise financeira de 2008, que teve repercussões substanciais no comércio internacional e afetou diretamente as exportações brasileiras. A demanda por commodities, essencial para a economia brasileira, sofreu uma queda acentuada, gerando impactos consideráveis no desempenho das exportações (BRASIL, 2023).

No entanto, à medida que a economia mundial se recuperava, o Brasil viu uma retomada gradual de suas exportações. O período entre 2010 e 2014 foi marcado por um aumento nas vendas externas, impulsionado principalmente pelo setor agropecuário e pela demanda crescente por produtos brasileiros. A ascensão de novos parceiros comerciais e a diversificação dos produtos exportados contribuíram para a recuperação do desempenho exportador do país. (BRASIL, 2023).

No entanto, o País também enfrentou desafios internos durante esse período. Questões como a instabilidade política, incertezas econômicas e flutuações cambiais exerceram pressão sobre as exportações, criando um ambiente desafiador para os empresários e exportadores. A necessidade de fortalecer a competitividade e enfrentar barreiras comerciais tornou-se uma prioridade para manter a resiliência diante desses desafios (AMCHAM, 2023).

A partir de 2015, o Brasil passou por um período de recessão econômica, influenciado por fatores internos e externos. A queda nos preços das commodities, a crise política e as dificuldades fiscais contribuíram para uma desaceleração nas exportações. No entanto, medidas de reforma econômica foram implementadas para enfrentar esses desafios e criar um ambiente mais propício ao comércio internacional (PENTA TRANSACTION, 2023).

A pandemia de COVID-19, que teve início em 2019, teve um impacto sem precedentes na economia global e nas exportações brasileiras. A interrupção nas cadeias de suprimentos, as restrições comerciais e a diminuição da demanda global afetaram negativamente as exportações, especialmente nos setores mais sensíveis às interrupções causadas pela pandemia.

A necessidade de adaptação a novas condições e a busca por maior resiliência nas estratégias de exportação tornaram-se imperativas diante desse cenário desafiador (BRASIL, 2023).

2.7 Fatores Internos e Externos, com Ênfase no Impacto Direto na Exportação Brasileira

A dinâmica das exportações brasileiras é intrinsecamente influenciada por fatores tanto internos quanto externos, sendo essenciais para compreender os rumos do comércio internacional do país. Internamente, as políticas econômicas desempenham um papel crucial. Mudanças nas taxas de juros, políticas fiscais e reformas estruturais têm impactos diretos na competitividade dos produtos brasileiros no mercado internacional. A estabilidade macroeconômica e a implementação de políticas que promovam a eficiência e a inovação são fundamentais para fortalecer a posição do Brasil como um player global nas exportações (APEX-BRASIL, 2023)

Externamente, as condições econômicas globais e as relações diplomáticas têm um impacto direto nas exportações brasileiras. Eventos como recessões em grandes economias, conflitos comerciais e pandemias podem alterar significativamente a demanda por produtos brasileiros nos mercados internacionais. A capacidade de se adaptar a essas mudanças e diversificar os destinos das exportações torna-se crucial para mitigar os riscos associados a fatores externos imprevisíveis (BRASIL, 2023).

No âmbito interno, a infraestrutura logística exerce uma influência direta na eficiência das exportações. Portos eficientes, estradas de qualidade e uma rede logística bem desenvolvida são elementos essenciais para garantir que os produtos brasileiros alcancem os mercados internacionais de maneira competitiva. Investimentos contínuos nessa infraestrutura são imperativos para superar obstáculos logísticos e promover a expansão das exportações (ANSI, 2023).

As condições climáticas também desempenham um papel significativo nestes resultados, especialmente no setor agrícola. Variações nos padrões climáticos podem afetar a produção de commodities agrícolas, impactando diretamente a oferta de produtos para exportação. Estratégias de gestão de riscos, tecnologias agrícolas avançadas e medidas para lidar com eventos climáticos extremos são essenciais para mitigar os impactos negativos nas exportações (AMCHAM, 2023).

2.8 Evolução da Taxa de Câmbio Comercial para com o Dólar (Método Direto)

A evolução da taxa de câmbio comercial entre o real brasileiro e o dólar norte-americano desempenha um papel de destaque na dinâmica das exportações do Brasil. O câmbio é um fator determinante para a competitividade dos produtos brasileiros no mercado internacional, influenciando diretamente os preços dos produtos exportados e, por conseguinte, a demanda por eles. Em momentos de valorização do real em relação ao dólar, as exportações brasileiras podem enfrentar desafios, uma vez que os produtos brasileiros tornam-se relativamente mais caros para os compradores estrangeiros. Por outro lado, períodos de desvalorização do real podem impulsionar as exportações, tornando os produtos brasileiros mais competitivos no cenário internacional (DIAS, 2013).

Ao longo dos anos, a taxa de câmbio apresentou variações significativas, refletindo uma série de fatores econômicos e eventos globais. A estabilidade da taxa de câmbio é fundamental para proporcionar previsibilidade aos exportadores e importadores, permitindo que eles planejem estrategicamente suas operações. Flutuações excessivas e volatilidade cambial podem criar incertezas e impactar negativamente as decisões de negócios, prejudicando a capacidade de planejamento das empresas (SOUZA, 2009).

A relação esta taxa e as exportações é especialmente evidente em setores sensíveis às variações cambiais, como o agronegócio e a indústria. A competitividade dos produtos agrícolas brasileiros, por exemplo, está intimamente ligada ao valor do real em comparação com as moedas dos países compradores. O monitoramento constante da taxa de câmbio é essencial para os exportadores, pois permite a adaptação rápida a mudanças nas condições de mercado (BARRAL, 2006)

O câmbio não é apenas uma métrica econômica; é uma variável estratégica que impacta diretamente a capacidade do Brasil de inserir-se competitivamente no comércio global. Estratégias de hedge e gestão de riscos cambiais tornam-se instrumentos importantes para lidar com a volatilidade e proteger os negócios contra flutuações adversas na taxa de câmbio (BRASIL, 2023).

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 Índice de Herfindahl-Hirschman

O Índice de Herfindahl-Hirschman (IHH) é uma ferramenta amplamente utilizada para avaliar o nível de concentração da pauta exportadora em específicos produtos. A fórmula do IHH envolve os percentuais de participação de market share elevados ao quadrado, com um limite máximo de 10.000 para um market share de 100% (GOMES, 2012).

A expressão matemática para o cálculo do IHH é representada por:

$$IHH=10.000\times\sum(\text{Percentuais de Participação de Market Share ao Quadrado}) \quad (1)$$

Onde a participação ao quadrado refere-se à contribuição percentual de cada fator agregado na pauta de exportações. A interpretação do índice define a pauta exportadora como "não concentrada" se o IHH for menor que 1.000, "moderadamente concentrada" quando o IHH está entre 1.000 e 1.800, e "altamente concentrada" se o IHH for superior a 1.800 (SARMENTO e NUNES, 2015).

A análise do IHH foi aplicada sobre as exportações brasileiras, classificadas em produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados. Os resultados, apresentados abaixo, confirmam a hipótese de concentração da pauta exportadora em produtos básicos ao longo do período.

A Quadro 3 apresenta a evolução das exportações brasileiras de 2007 a 2022, classificadas por quatro categorias: Matérias-primas, Bens Intermediários, Bens de Consumo e Bens de Capital, além do Total exportado. Cada valor representa a participação percentual dessas categorias no total exportado no respectivo ano.

Quadro 3 - Evolução das exportações brasileiras de 2007 a 2022.

Ano	Matérias-primas	Bens Intermediários	Bens de Consumo	Bens de Capital	Total GAGR (em %)
2007	2,5	1,2	0,4	0,5	4,6
2008	2,6	1,3	0,4	0,5	4,8
2009	2,7	1,3	0,5	0,4	4,9
2010	2,9	1,4	0,6	0,4	5,3
2011	3,0	1,4	0,6	0,3	5,3
2012	3,1	1,5	0,7	0,3	5,6
2013	3,3	1,5	0,7	0,3	5,8
2014	3,5	1,6	0,8	0,4	6,3
2015	3,7	1,7	0,8	0,4	6,6
2016	3,8	1,7	0,9	0,4	6,8
2017	4,0	1,8	1,0	0,4	7,2
2018	4,2	1,8	1,0	0,3	7,3
2019	4,3	1,9	1,0	0,3	7,5
2020	4,5	2,0	1,1	0,2	7,8
2021	4,7	2,0	1,1	0,2	8,0
2022	4,9	2,1	1,2	0,2	8,4

Fonte: IBGE (2023). Elaboração própria.

No tocante ao Quadro 3, o qual se inicia em 2007 com uma participação de 2,5% e registra um crescimento constante ao longo dos anos, alcançando 4,9% em 2022. Esse aumento representa uma mudança significativa na estrutura das exportações, indicando uma maior presença de produtos primários na pauta de exportação brasileira.

Bens Intermediários: Apresenta variações moderadas ao longo do período, mantendo-se na faixa de 1,2% a 2,1%. Essa categoria representa produtos que estão em um estágio intermediário de produção, influenciando setores diversos da economia.

Bens de Consumo: Inicia em 2007 com 0,4% e experimenta algumas flutuações, mas geralmente mantém-se abaixo de 1,2%. Esta categoria envolve produtos destinados ao consumo final.

Bens de Capital: Apresenta uma queda notável, iniciando em 0,5% em 2007 e reduzindo para 0,2% em 2022. Essa diminuição sugere uma possível menor participação de bens de capital nas exportações brasileiras.

Total Exportado: O total exportado cresce de 4,6% em 2007 para 8,4% em 2022. Esse aumento pode ser interpretado como uma expansão geral das exportações brasileiras ao longo do período.

CAGR¹: A CAGR fornece uma medida composta do crescimento anual médio para cada categoria. Ela permite uma avaliação mais precisa das tendências ao longo do tempo. Os valores devem ser calculados conforme a fórmula específica para cada período.

3.2 Índice de Variação do Comércio Real

O Índice de Variação do Comércio Real (IVCR) emerge como uma ferramenta indispensável na análise do comércio exterior, lançando luz sobre dinâmicas econômicas cruciais. No contexto deste estudo ele se destaca ao quantificar variações reais nas transações comerciais. Esse índice não apenas considera mudanças nominais, mas também incorpora os efeitos da inflação, proporcionando uma visão mais precisa das tendências e implicações econômicas (TREGENNA, 2009).

A sua fórmula pode ser expressa da seguinte maneira:

$$IVCR = \frac{[(\text{Valor das Exportações Reais} - \text{Valor das Importações Reais}) / \text{Valor das Importações Reais}] \times 100}{\text{Base Ano} - 1} \quad (2)$$

Ao aplicar a Equação 2 à base de dados do *World Integrated Trade Solution* (WITS), fornecida pelo Banco Mundial, foram obtidos os resultados apresentados na Tabela 4. Os produtos estão classificados pela *United Nations Conference on Trade and Development* (UNCTAD): matérias-primas, bens intermediários, bens de consumo e bens de capital.

Onde:

- **Valor das Exportações Reais:** Representa o valor das exportações ajustado para a inflação, refletindo o valor real das transações comerciais.
- **Valor das Importações Reais:** Representa o valor das importações ajustado para a inflação, refletindo o valor real das transações comerciais.
- **Base Ano:** É o ano-base usado para calcular o índice. Geralmente, é escolhido um ano como referência para comparar as variações ao longo do tempo.

Essa fórmula captura a variação percentual real nas transações comerciais, levando em consideração os efeitos da inflação. O denominador (Base Ano-1) normaliza a

¹ Do inglês: *Compound Annual Growth Rate* (CAGR) é o indicador utilizado para representar a taxa de crescimento anual composta.

variação para um valor base, proporcionando uma medida relativa de mudança ao longo do tempo.

É importante notar que o IVCR é uma ferramenta para analisar mudanças reais nas transações comerciais, fornecendo insights sobre a saúde econômica de um país e as tendências no comércio internacional.

A sua aplicação ao longo do período supracitado, torna-se possível identificar variações significativas nas exportações e importações brasileiras, levando em consideração o impacto do crescimento econômico, da inflação e de outros fatores macroeconômicos (COUTINHO et al., 2005).

A sua utilização também se destaca por distinguir os períodos de desindustrialização genuína e aqueles marcados por variações puramente nominais. Ajustando as mudanças nas exportações e importações para a inflação, obtém-se uma visão mais clara das tendências subjacentes, permitindo decisões informadas sobre estratégias econômicas (MACEDO, 2015).

Contudo, é fundamental reconhecer que o IVCR, isoladamente, pode não abranger todos os nuances do processo de desindustrialização. Sua aplicação deve ser complementada por uma análise mais abrangente que leve em conta outros indicadores econômicos, políticas governamentais e eventos globais que possam influenciar o comércio internacional do Brasil (MACIEL; JULIANI, 2022).

A sua compreensão aprofundada e sua interpretação em conjunto com outros indicadores contribuem para uma análise mais completa e precisa do cenário de desindustrialização da exportação brasileira. Essa abordagem enriquecida proporciona dados para formuladores de políticas, acadêmicos e empresários, capacitando uma resposta mais eficaz aos desafios e oportunidades decorrentes dessas mudanças comerciais (BARRAL; PIMENTEL, 2006).

Quadro 4 – Evolução do Índice de Vantagens Comparativas Reveladas das exportações brasileiras no período de 2007 a 2022. |

Classificação UNCTAD	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022
Matérias primas	2,5	2,6	2,7	2,9	3,27	3,20	3,32	3,68	4,39	4,23	4,70	4,87	5,19	5,98	3,20	3,32
Bens intermediários	1,2	1,3	1,8	1,7	1,29	1,28	1,23	1,32	1,40	1,45	1,35	1,27	1,25	1,22	1,28	1,23
Bens de consumo	0,4	0,4	0,3	0,5	0,42	0,42	0,43	0,39	0,40	0,43	0,42	0,38	0,39	0,37	0,42	0,43
Bens de capital	0,5	0,5	0,8	0,7	0,44	0,46	0,43	0,40	0,42	0,44	0,41	0,39	0,35	0,25	0,46	0,43

Fonte: UNCTAD (2022). Elaboração própria.

O Quadro 4 apresenta a evolução do Índice de Vantagens Comparativas Reveladas das exportações brasileiras no período de 2007 a 2022, classificadas de acordo com a *United Nations Conference on Trade and Development* (UNCTAD) em quatro categorias: Matérias-primas, Bens Intermediários, Bens de Consumo e Bens de Capital. Cada célula representa a participação percentual dessas categorias no total exportado no respectivo ano.

Matérias-primas: Inicia-se em 2007 com uma participação de 2,5% e apresenta um crescimento constante ao longo dos anos, atingindo 5,98% em 2020. Esse aumento sugere uma significativa mudança na estrutura das exportações, indicando uma maior presença de produtos primários na pauta de exportação brasileira.

Bens Intermediários: Apresenta variações moderadas, mantendo-se na faixa de 1,2% a 1,45% ao longo do período. Essa categoria representa produtos em estágio intermediário de produção, influenciando diversos setores da economia.

Bens de Consumo: Inicia em 2007 com 0,4% e experimenta algumas flutuações, mas geralmente mantém-se abaixo de 0,43%. Esta categoria envolve produtos destinados ao consumo final.

Bens de Capital: Demonstrou uma queda notável, iniciando em 0,5% em 2007 e reduzindo para 0,25% em 2020. Essa diminuição sugere uma possível menor participação de bens de capital nas exportações brasileiras ao longo do período.

A tabela proporciona uma visão clara das mudanças nas vantagens comparativas reveladas do Brasil em diferentes setores ao longo dos anos, sendo uma ferramenta valiosa para compreender a dinâmica das exportações e tomar decisões informadas sobre estratégias econômicas.

3.3 Resultados e Discussão

Notou-se que o Índice de Herfindahl-Hirschman (IHH) foi importante para avaliar a concentração da pauta exportadora brasileira em diferentes categorias, proporcionando dados sobre a dinâmica das exportações ao longo do tempo. A análise revelou uma tendência de concentração em produtos básicos, destacando a relevância crescente desses itens na composição das exportações do Brasil.

A categoria de Matérias-primas apresentou um aumento constante, passando de 2,5% em 2007 para 4,9% em 2022. Esse crescimento sugere uma mudança estrutural significativa nas exportações, indicando uma maior participação de produtos primários.

Bens Intermediários, por sua vez, manteve variações moderadas entre 1,2% e 2,1%. Esses produtos, em estágio intermediário de produção, continuam a influenciar vários setores da economia, mantendo uma presença estável ao longo do período.

No caso dos Bens de Consumo, a participação iniciou em 0,4%, experimentando algumas flutuações, mas geralmente mantendo-se abaixo de 1,2%. Essa categoria, composta por produtos destinados ao consumo final, reflete dinâmicas específicas do mercado de consumo.

Bens de Capital, por outro lado, mostraram uma queda notável, começando em 0,5% em 2007 e reduzindo para 0,25% em 2022. Esse declínio pode indicar uma menor participação desses bens nas exportações brasileiras, sugerindo mudanças nas estratégias de comércio exterior.

A análise do IHH confirma a hipótese de uma pauta exportadora mais concentrada em produtos básicos, trazendo implicações para a diversificação e sofisticação das exportações brasileiras.

O Índice de Variação do Comércio Real (IVCR) desempenhou um papel de extrema importância na análise das dinâmicas econômicas, considerando variações reais nas transações comerciais e ajustando para os efeitos da inflação. Ao aplicar essa ferramenta às exportações brasileiras, observamos mudanças significativas nas transações comerciais ao longo do período.

É importante que ele se destaca por oferecer uma visão mais precisa das tendências e implicações econômicas, levando em consideração não apenas as mudanças nominais, mas também os efeitos da inflação. A sua aplicação ao longo do período analisado permite identificar períodos de desindustrialização genuína e variações puramente nominais.

A análise desse índice tornou-se possível por distinguir tendências fundamentais nas exportações e importações nacionais, considerando o impacto do crescimento econômico, da

inflação e de outros fatores macroeconômicos. Essa abordagem mais abrangente contribuiu para uma compreensão mais completa do processo de desindustrialização.

CONCLUSÃO

Esta monografia adentrou nas complexidades do comércio internacional e do processo de desindustrialização, abordando conceitos teóricos fundamentais e examinando as dinâmicas específicas que moldam a economia brasileira. Ao compreender as teorias e as análises, destacamos a importância de conceitos como balança comercial, protecionismo e acordos comerciais na formação das relações econômicas globais.

O exame do processo de desindustrialização revelou suas múltiplas facetas. As tendências apontam para uma redução gradual da participação da indústria na economia brasileira, um fenômeno influenciado por fatores como aumento da produtividade, elasticidade renda da demanda por manufaturados, e características específicas do setor industrial. A relação entre desindustrialização e políticas econômicas, como a abertura comercial, taxas de juros e reformas tributárias, destaca os desafios que o Brasil enfrenta nesse contexto.

O conhecimento aprofundado desses temas é essencial para orientar estratégias políticas, econômicas e empresariais que promovam o crescimento sustentável. A globalização exige uma abordagem estratégica para o comércio, considerando as complexidades das cadeias de suprimentos, acordos internacionais e a necessidade de inovação para manter a competitividade.

No contexto nacional, a desindustrialização não é apenas um fator econômico; é um chamado para ação. A necessidade de investimentos em educação, infraestrutura, pesquisa e desenvolvimento torna-se evidente. O Brasil, como muitos países, enfrenta impecilhos de equilibrar o progresso econômico com a manutenção de uma base industrial robusta.

A análise detalhada do processo de desindustrialização da exportação brasileira entre os anos de 2007 e 2019 revela nuances significativas nas dinâmicas econômicas e tecnológicas do país. Através da avaliação de indicadores, como o Índice de HH e o Índice IVCR, foi possível desvelar tendências e padrões que moldaram a trajetória da indústria nacional nesse período.

O Índice de HH ofereceu dados sobre a concentração de mercado em setores industriais específicos, indicando a presença ou ausência de competição. A variação desse índice ao longo dos anos é essencial para compreender como a estrutura competitiva evoluiu, impactando a capacidade de inovação e a entrada de novos participantes nos mercados.

Por meio do Índice IVCR, observamos as variações percentuais reais nas transações comerciais, levando em consideração os efeitos da inflação. Esse índice fornece uma visão mais

precisa das mudanças no comércio internacional, permitindo uma análise mais profunda das condições econômicas que afetam a desindustrialização.

Em um contexto mais amplo, estas análises indicam que a desindustrialização não é um fenômeno homogêneo. Setores específicos enfrentam diferentes desafios, desde a concentração de mercado até a variação nas transações comerciais e a mudança na intensidade tecnológica. Tais questões demandam abordagens estratégicas diferenciadas para promover a inovação, competitividade sobre este viés.

Conclui-se, portanto, que a análise desses indicadores fornece uma visão abrangente e estratégica, essencial para informar decisões que moldarão o futuro da indústria brasileira nos anos vindouros.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CONSULTORIA E ASSESSORIA EM COMÉRCIO EXTERIOR (ABRACOMEX). **Quais os maiores importadores do Brasil**. ABRACOMEX, 2022. Disponível em: <https://www.abracomex.org/quais-sao-os-maiores-importadores-do-brasil>. Acesso em: 06 de novembro de 2023.

CÂMARA AMERICANA DE COMÉRCIO PARA O BRASIL (AMCHAM). **Brasil e Estados Unidos: tudo o que você precisa saber ao estabelecer relações comerciais com os EUA**. AMCHAM, 2022. Disponível em: <https://www.amcham.com.br/noticias/comercioexterior/brasil-e-estados-unidos-tudo-o-que-voce-precisa-saber-ao-estabelecer-relacoescomerciais-com-os-eua>. Acesso em: 06 de novembro de 2023.

AMERICAN NATIONAL STANDARDS INSTITUTE (ANSI). **Padrões Nacionais Americanos**. ANSI, 2022. Disponível em: <https://ansi.org/>. Acesso em: 06 de novembro de 2023.

AGÊNCIA BRASILEIRA DE PROMOÇÃO DE EXPORTAÇÕES E INVESTIMENTOS (APEX-BRASIL). **Manual sobre barreiras comerciais e aos investimentos**. Brasília, DF: CNI, 2017. Disponível em: <http://www.apexbrasil.com.br/uploads/cliq%20aqui.pdf>. Acesso em: 06 de novembro de 2023.

ATLAS SÓCIOECONÔMICO RIO GRANDE DO SUL. Região Metropolitana da Serra Gaúcha – RMSG. **Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Secretaria de planejamento, governança e gestão, 2020**. Disponível em: <https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/regiaometropolitana-da-serra-gaucha>. Acesso em: 06 de novembro de 2023.

BRASIL. Ministério da Economia. **Estatísticas do Comércio Exterior em Dados Abertos. Ministério da Economia, 2022**. Disponível em: <https://www.gov.br/produtividade-ecomercio-exterior/pt-br/assuntos/comercioexterior/estatisticas/base-de-dados-bruta>. Acesso em: 06 de novembro de 2023.

BARRAL, Welber; PIMENTEL, Luiz Otavio. **Relações entre comércio internacional e desenvolvimento**. São Paulo: Editora Fund Boiteux, 2006.

CARNEIRO, F. L. **A influência da taxa de câmbio sobre os fluxos de comércio exterior**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Aplicada-IPEA.2014.

CARVALHO, D. F. e CARVALHO, A. C. **Desindustrialização e reprimarização da economia brasileira contemporânea num contexto de crise financeira global: conceitos e evidências**. Revista Economia Ensaios, 2011.

CASSEL, G. **Abnormal deviations in international exchanges**. Economic Journal, 28, p. 413-415, 1918.

CICONET, B. **Servitização: práticas e impactos em empresas de manufatura**. 2017. 91 p. Dissertação (Pós-graduação em Administração) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2017.

COUTINHO, E. S.; PEIXOTO, F. V.; FILHO, P. Z. R.; e AMARAL, H. F. **De Smith a Porter: um ensaio sobre as teorias de comércio exterior**. REGE Revista de Gestão, v. 12, n. 4, p. 101-113, 2005.

DIAS, Reinaldo; RODRIGUES, Waldemar. **Comércio exterior: teoria e gestão**. 3. ed. São Paulo: Grupo Gen, 2013.

GALA, P. (2022). **O modelo Heckscher-Ohlin e as vantagens do comércio internacional**. Disponível em: <https://www.paulogala.com.br/o-modelo-heckscher-ohlin-e-as-vantagens-do-comercio-internacional/>. Acesso em: 15/10/2023.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). 2017. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8715/1/A%20Economia%20pol%C3%ADtica.pdf>. Acesso em: 06 de novembro de 2023.

KRUGMAN, P. R. e OBSTFELD, M.; MELITZ, M. J. **Economia Internacional**. 10a Ed. São Paulo: PEARSON, 2015.

LINDER, S. **An Essay on Trade and Transformation**. New York: John Wiley, 1961.

MACEDO, T. M. F. **Análise da Desindustrialização no Brasil na Indústria de Transformação: uma abordagem teórica e metodológica**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2015.

MACIEL, M. D. A.; e JULIANI, L. I. **O processo de desindustrialização: perspectivas teóricas para a economia brasileira**. Oen Science Research. Led. Guarujá: Científica Digital, 2022, v. 1, p. 2417-2433. 2022.

MILANI, A. M. R. **Os percalços do crescimento no Brasil: a mudança estrutural da indústria e a especialização da pauta exportadora no período 2003-2010**. Publicatio UEPG: Ciências Sociais Aplicadas, v. 20, n. 1, p. 47-58. 2012.

OLIVEIRA, C. R. e VAN NOIJE, P. **Sistema Monetário Internacional em Transformação: a Internacionalização do Renminbi**. In: XXIV SEMEAD- Seminários em Administração, 2021, São Paulo. Anais do XXIV SEMEAD.2019.

PENTA TRANSACTION. **Estatísticas de Importação-Exportação de 74 países online**. Penta-transaction, 2021.

PORTAL DA INDÚSTRIA. **Comércio Exterior. Portal da Indústria**, 2021. Disponível em <https://industriabrasileira.portaldaindustria.com.br/grafico/total/exportacoes/#!/industria-total>. Acesso em: 06 de novembro de 2023.

PRATES, C. **Análise da Balança Comercial entre Portugal e Reino Unido no âmbito do Brexit**. ISLA Multidisciplinary e-Journal, v. 2, n. 1, p. 101-113.2019.

REIS, T. **Doença holandesa: entenda como a atividade primária atrapalha industrialização**. Disponível em: <https://www.sun0.com.br/artigos/doenca-holandesa/>. Acesso em 18/10/2023.

REZENDE, L. P. F.; CORDEIRO, L. M. C.; e FIALHO, T. M. M. **Desindustrialização e reprimarização: uma análise da economia brasileira entre 1996-2013**. Revista Sodebrás.2017.

ROWTHORN, R. e RAMASWAMY, R. **Deindustrialization: Causes and Implications**. IMF Working Paper.1997.

SAMPAIO, D. P. **Economia brasileira no início do século XXI: desaceleração, crise e desindustrialização Semestre Económico**, v. 22, n. 50, p. 107-128.2017.2019.

SOARES, C. e TEIXEIRA, J R. **Uma abordagem econométrica do processo de desindustrialização no caso brasileiro: elementos para o debate**. ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, v. 36.2010.

TORRES, R. L.; CAVALIERI, H. C. **Uma crítica aos indicadores usuais de desindustrialização no Brasil**. Revista de Economia Política, v 35, n. 4, 859-877, 2015.

TREGENNA, F. **Caracterizando a Desindustrialização: uma análise das mudanças no emprego e na produção industrial internacionalmente**. Cambridge Journal of Economics, Vol. 33 (3), p. 433-466.2009.

VERÍSSIMO, M. P. Doença Holandesa no Brasil. Ensaio sobre taxa de câmbio, perfil exportador, desindustrialização e crescimento econômico. 2010. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Economia) – Universidade Federal de Uberlândia.2010.

VERNON, R. Investimento Internacional e Comércio Internacional no Ciclo de Vida do Produto. In: Rosenberg, N. (org.). Economia da Mudança Tecnológica. Traduzido por Eduardo L. Suárez. México: Fondo de Cultura Económica, 1979, 1ª edição (em espanhol), El Trimestre Económico, Leituras, 31, pp. 408-427.1966.

DECLARAÇÃO DE APTIDÃO DO TCC

Declaro, para os devidos fins, que o (a) estudante Felipe Mendes Cardoso, matrícula 2020.1.0021.0051-7, regularmente matriculado no segundo semestre letivo do Curso Ciências Econômicas, no turno noturno, da Escola de Direito, Negócio e Comunicação, ESTÁ APTO, a apresentar e submeter seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), conforme disposto no Regulamento Geral Dos Trabalhos de Conclusão Dos Cursos De Graduação (TCC) em banca para avaliação.

Goiânia, 04 de dezembro de 2023.

Ary José Apolinário de Souza Júnior

Prof. Ms. Ary José A. de S. Júnior

Professor/Orientador

Ciente:

Felipe Mendes Cardoso

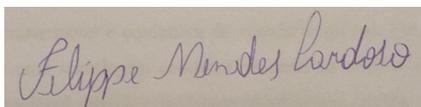
Felipe Mendes Cardoso
Estudante/Acadêmico

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O (A) estudante Felipe Mendes Cardoso, do Curso de Ciências Econômicas, matrícula 2020.1.0021.0051-7, telefone: (62) 9 8401-1890, e-mail felippec79@gmail.com, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei nº 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Análise do processo de desindustrialização da exportação brasileira entre 2007 e 2022**, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SNS); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 04 de dezembro de 2023.

Assinatura do(s): autor(es):



Nome completo do autor: Felipe Mendes Cardoso

Assinatura do professor- orientador:



Nome completo do professor-orientador: Ary José Apolinário de Souza Júnior